

# ARQUITETURA JESUÍTICA-GUARANI: ESPACIALIDADES DE UMA CULTURA HÍBRIDA

FEIBER, Silmara Dias<sup>1</sup>  
FEIBER, Fúlvio Natércio<sup>2</sup>

## RESUMO

A pesquisa aqui apresentada trata de uma pequena parte, um fragmento que foi retomado e aprofundado de uma pesquisa maior resultante do processo de doutoramento em Geografia Cultural pela UFPR. Em sua raiz investiga o processo de aculturação proposto pelos padres jesuítas na América do Sul perante a cultura Guarani. A investigação ao longo de seu desenvolvimento passou a verificar que, ao contrário do que se imaginou, o processo de aculturação resultou numa mescla cultural, uma forma de cultura híbrida. Esta nova proposta de sociedade organizada no espaço, onde hoje delimita-se os países Brasil, Paraguai e Argentina, fica ainda mais evidente quando se analisa a arquitetura pretérita deixada como sua marca cultural. A materialização da proposta comum desta cultura híbrida é o assunto que se pretende disseminar neste artigo. Com este intuito se reforçou as análises visando ilustrar a evolução da arquitetura aqui produzida como resultado da união de duas vertentes, uma europeia advinda dos padres jesuítas e outra autóctone resultante da expressão dos índios guarani. Pautada em descrições referenciais somadas a visitas in loco foi possível, por meio de reconstruções gráficas e de imagens reais, resgatar sua espacialidade. Diferencial este que foi a proposta promovida por ambas culturas e que tornaram possível esta experiência única no espaço das Américas a qual merece um maior olhar preservacionista. A cultura híbrida aqui experienciada foi expulsa e dizimada pela força do poder imperial de portugueses e espanhóis que impediram o desenvolvimento da proposta de uma nova sociedade pautada em valores cristãos envolta numa espacialidade barroca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura; Cultura híbrida; Espacialidades; Jesuítas e Guaranis.

## JESUIT-GUARANI ARCHITECTURE: SPATIALITIES OF A HYBRID CULTURE

## ABSTRACT

The research presented here deals with a small part, a fragment that was deepened from a larger one resulting from the doctoral process in Cultural Geography. At its root, it investigates the process of acculturation proposed by the Jesuit priests in South America in the face of the Guarani culture. The investigation throughout its development began to verify that, contrary to what was imagined, the acculturation process resulted in a form of cultural mix generating a form of hybrid culture. This society organized in the new space, where Brazil is proposed today, still delimits the countries Paraguay and Argentina, is more evident when analyzing a past architecture that is today as its cultural mark. The materialization of the common proposal of this hybrid culture is the subject that we intend to disseminate in this article. With this aim in mind, solutions designed to illustrate the evolution of the architecture produced here were reinforced as two expressions of the union of strands, a European influency coming from the Jesuits and by other way indigenous resulting from the expression of the Guaranis. Based on added references, it is possible, through graphic reconstructions and real images, to save its spatiality. This differential was the proposal proposed by both cultures and that made this unique experience possible in the space of the Americas, which deserves a greater preservationist look. The culture experienced was expelled and decimated by the power of the Portuguese and Spaniards, who prevented the development of the proposal of a new society based on values by spatial turns of the baroque.

**KEYWORDS:** Architecture; Hybrid culture; Spatialities; Jesuits and Guaranis.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta investigação, que consiste na revisão e aprofundamento de uma pequena parcela do estudo

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Curso de Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Toledo. E-mail: [sdfeiber@utfpr.edu.br](mailto:sdfeiber@utfpr.edu.br); [sdfeiber@gmail.com](mailto:sdfeiber@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Campus Toledo. E-mail: [ffeiber@utfpr.edu.br](mailto:ffeiber@utfpr.edu.br); [ffeiber@gmail.com](mailto:ffeiber@gmail.com)

apresentado na tese de doutoramento em Geografia Cultural, pretende realizar um resgate da arquitetura barroca de meados do século XVII. Esta expressão cultural insere-se no âmbito de uma marca de cultura híbrida em nossas paisagens configuradas em meio ao espaço de espírito barroco. Por meio da mescla cultural, característica de nossa formação, materializou-se na paisagem do sul do nosso território obras que hoje configuram um rico acervo arquitetônico, mesmo que algumas delas perpetuem apenas na memória e em registros bibliográficos e iconográficos.

O acervo da arquitetura pretérita em nosso território possui como exemplares mais longínquos, embora pouco conhecidos, a denominada Arquitetura Jesuita-Guarani a qual resulta da ação de indivíduos anônimos, índios guaranis e mestres de ofício jesuítas. Estes detentores do saber atuaram em período histórico brasileiro específico onde, num primeiro momento, o território ainda pertencia a coroa espanhola. Foram estes atores os primeiros responsáveis por moldar a paisagem, que foi inóspita num primeiro momento, através de sua arquitetura. Na ação de resgate destas manifestações arquitetônicas, ímpares pela sua expressão singular no tripé apontado por Curtis (2003, p.19) como “forma, função e construção” as quais se pode vincular reforçadas por este estudo ao status de bem cultural. Acredita-se que ao apresentar a expressão desta manifestação cultural a pesquisa possa contribuir para a base do conhecimento que alicerça e alavanca as ações de preservação do patrimônio arquitetônico no âmbito de nosso território bem como nos países vizinhos que também abrigam tais obras. Na expressão da arquitetura aqui investigada materializada pela mescla cultural – Guaranis e Jesuítas – estes atores somaram seus saberes e edificaram obras de extrema representatividade onde alguns poucos exemplares persistem no tempo em forma de ruínas. Esta produção onde objetiva-se aprofundar a investigação apresenta as igrejas Jesuíticas - Guarani estabelecidas onde hoje localiza-se no Brasil o estado do Rio Grande do Sul e nos países contíguos Paraguai e Argentina.

As técnicas construtivas tradicionais utilizadas além das especificidades dos materiais, particularmente da madeira em seus diversos elementos, são ao olhar da pesquisa relíquias que receberam a chancela do tempo e podem trazer reflexões importantes a respeito dos materiais, sistemas construtivos, técnicas empregadas, bem como o modo de vida da comunidade que a gerou. Nesta ação de resgate alguns autores foram de fundamental importância por suas contribuições como Bollini (2009), Sustersic (1999) e Custódio (2011) dentre outros que se fizeram presentes com o intuito de registrar e enaltecer o papel da arquitetura tradicional como agente cultural. Neste estudo apresenta-se de forma didática a evolução da arquitetura jesuítica-guarani deixando clara as espacialidades aliadas ao potencial da técnica e materiais locais.

A permanência de alguns representantes arquitetônicos de tempos pretéritos em nosso cotidiano demonstra a qualidade de sua técnica e materiais constituintes e, por este motivo, merece que sua presença perpetue para conhecimento e apreciação das futuras gerações. Neste contexto a propagação

da pesquisa no âmbito acadêmico atua de forma pedagógica na formação de arquitetos, engenheiros e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento que atuem no âmbito da cultura e sociedade.

Sendo assim, com o objetivo de resgatar, apresentar e preservar a arquitetura tradicional do sul do Brasil é que se busca apresentar o estudo da contribuição indígena responsável por erigir em meio às missões jesuíticas as obras conhecidas atualmente como “Reduções Jesuíticas”. Este momento da história fixado em meados do séc. XVII marcado pela disputa territorial entre Portugal e Espanha nos deixou este legado que merece um olhar atento por tratar de um sincretismo cultural de características instigantes e que pouco é explorado nas escolas de arquitetura. Este passeio pela nossa história pretende revelar o início dos processos de colonização, suas manifestações arquitetônicas resultantes da adaptação ao meio tendo como foco principal nas espacialidades e no uso da madeira, particularmente advinda do saber-fazer da cultura Guarani. Acredita-se que com o alcance deste objetivo se possa contribuir para o estudo da arquitetura pretérita no sul do Brasil de forma a agregar valor ao nosso acervo arquitetônico ainda existente e fomentar sua preservação para o deleite das futuras gerações.

## **2. METODOLOGIA**

No desenvolvimento da pesquisa busca-se investigar a produção arquitetônica resultante da mescla cultural entre índios guaranis e padres jesuítas que estiveram presentes em nosso território quando este ainda era de posse da Coroa Espanhola. A intenção é poder analisar a evolução da espacialidade bem como a materialidade das obras das igrejas jesuíticas-guarani e tentar compreender a cultura híbrida impressa neste processo. Ancorada pelo saber-fazer guarani o uso da madeira nas edificações possibilitou espacialidades singulares ainda pouco divulgadas no âmbito acadêmico.

Para esta ação parte de contribuições teóricas de autores como Bollini (2009), Sustersic (1999), Custódio (2011) e Gutierrez (2012) que contribuem no entendimento do processo pelo qual o território foi submetido e o papel da presença dos jesuítas e povo Guarani na configuração das obras das igrejas Jesuíticas-Guarani. Pretende-se dar destaque as obras das igrejas que são a obra de destaque na configuração do espaço barroco das reduções onde sua presença atua como registro do período histórico onde índios guaranis e jesuítas viveram de forma harmoniosa num espaço de trocas cotidianas aos moldes do espírito barroco.

Assim, organiza-se as manifestações arquitetônicas em etapas específicas que revelam a evolução do processo de integração da proposta jesuítica no espaço da América do Sul. Contextualiza-se este processo e segue-se como aprofundamento deste estudo na investigação do uso da madeira na arquitetura aqui materializada, na evolução dos sistemas construtivos resultando em novas e

sucessivas espacialidades das igrejas. Ancora-se estas análises, para além das informações colhidas em relatos e descrições dos autores investigados, em imagens colhidas *in loco* que possibilitam verificar testemunhas dos materiais, definições de padrões e usos ainda marcados como registros vivos nas edificações visitadas.

Com este intuito a pesquisa organiza e apresenta as expressões da arquitetura no âmbito de quatro etapas: **1<sup>a</sup> etapa (1610 a 1641)** e **2<sup>a</sup> etapa (1641 a 1695)** onde ocorre o batismo da arquitetura vernácula e a consolidação do espaço missionário e a **3<sup>a</sup> etapa (1695 a 1730)** e **4<sup>a</sup> etapa (1730 a 1768)** onde as igrejas passam a contar com uma nova organização espacial interna.

A análise das obras definidas como estudos de caso foram feitas a partir de visitas *in loco* em ruínas características da **3<sup>a</sup>** e **4<sup>a</sup>** etapas. Assim, devido a sua materialidade, grau de preservação e localização definiu-se o estudo pelas seguintes reduções: San Inácio Mini, 1696 (Paraguai); São Miguel, 1745 (Brasil) e Santísima Trinidad, 1749 (Argentina). A preservação de parte destas obras vinculadas ao amparo de autores específicos que se dedicaram a aliar história e arquitetura potencializou o encontro dos objetivos traçados. Detalhes dos sistemas construtivos, das espacialidades e de minúcias escultóricas puderam ser contemplados e contribuíram para o entendimento da mescla cultural ocorrida entre os europeus jesuítas e os índios Guarani da América do Sul.

### **3. ARQUITETURA JESUITICA-GUARANI**

Esta manifestação arquitetônica advinda da cultura híbrida que pré-existiu em nosso território é tratada de forma generalista na grande maioria das escolas de arquitetura do sul do Brasil. Ao se apresentar obras como as casas xinguanas conhecidas pela sua expressão monumental e sua técnica particular se insere a temática da habitação indígena de forma indiscriminada e pouco valoriza a cultura Guarani que atuou nos domínios territoriais do sul do Brasil.

Um estudo de Van Lengen (2013) resgata este valor e organiza as manifestações advindas de expressões autóctones anteriores à chegada dos colonizadores europeus ao nosso território. Foram justamente o domínio dos materiais locais que possibilitaram a materialização de obras arquitetônicas monumentais, destacadamente as igrejas, no período das missões jesuíticas que percorreram o interior do atual território do sul do Brasil. O Paraná e o Rio Grande do Sul em meados do sec. XVI até metade do sec. XVIII foram palco destas manifestações organizadas propositalmente na periferia do espaço colonial espanhol em direção ao espaço colonial português. Espaço que se busca compreender e onde acredita-se ter a ferramenta mais propícia para seu entendimento numa dimensão de formação religiosa e emocional que se apresentou nas reduções e foi impregnada na arquitetura.

Nas igrejas jesuíticas-guarani se reproduz uma relação clara entre os elementos funcionais e os elementos artísticos emocionais inseridos nas obras (ECO, 2007). Esta arquitetura jesuítica latino-americana ganhou nesta perspectiva sua mais sofisticada expressão quando obteve, na construção da obra de arte social chamada “reduções”, um sucesso econômico e organizacional com a consolidação dos Trinta Povos na primeira metade do século XVIII, parte destes povos ocuparam o espaço do atual estado do Rio Grande do Sul. Diante de sua destacada singularidade não entendemos estes objetos na sua objetividade, mas como “formas simbólicas” (CASSIRER, 2001) que reúnem formas de vivência reveladas em formas estéticas.

As obras arquitetônicas jesuíticas no espaço missionário e, principalmente suas ornamentações, são obras de dois grupos de artistas. O primeiro grupo são os arquitetos que chegaram ao espaço missionário a partir do final do século XVII, como José Brasanelli por volta dos anos 1690 (Igrejas de São Borja, Itapúa, Loreto, Santa Ana, São Xavier e São Inácio Mini), Juan Batista Prímolli (Igrejas de São Miguel, Trinidad e Concepción) e Antonio Forcada (Igrejas de Jesú, São Luis, San Inácio Guaçú e Santa Rosa) por volta de 1700 (BOLLINI, 2009; SUSTERSIC, 1999; CUSTÓDIO, 2011).

O outro grupo é vinculado ao grande número de estátuas e ornamentos, onde artistas indígenas na sua crescente auto-consciência após a vitória na Batalha de Mbororé em 1641, atuaram como artistas plásticos na modulação destes espaços arquitetônicos. Cabe ressaltar que durante todo este período não havia mais a necessidade premente do “convencimento” missionário dos indígenas por meio da arquitetura, pois agora os Guarani já eram considerados em sua grande maioria cristãos católicos. Assim, foram as próprias ideias esculturais destes novos cristãos que, guiadas pelos arquitetos anteriormente citados, conformam as mais expressivas obras do espaço missionário. O trabalho destes índios cristianizados refletia o sentimento guarani-cristão perante o espaço religioso. Em síntese Bruxel (1978) declara que “... y La iglesia, ao final, era de ellos!” (p. 62).

Sendo assim, percebe-se que muitas interpretações que buscam enquadrar estas obras em estilos, linguagens e denominações simplistas numa compreensão europeia, reduzem seu significado a uma visão restrita da arte, sendo esta influenciada pela compreensão da arte europeia e burguesa a qual subentende que a arte pode ser interpretada apenas de forma meditativa com uma estética estática, na qual a obra é autônoma. Contudo, a cultura arquitetônica das reduções e as reduções em geral como obra social são obras em movimento baseadas em relações, quer dizer, elas se pautam numa estética que está embutida na ética.

A conciliação entre movimento e estática também faz parte dos estilos do maneirismo e do barroco. Assim, o que parece de primeira mão uma diminuição do papel dos Guarani nas obras realizadas numa visão funcionalista, pode ser resgatado através da investigação de expressões plásticas em relação a vida cotidiana indígena. Este aspecto da influência indígena foi pouco

explorado até agora no debate científico. Porém, já nos primeiros documentos jesuíticos e europeus (incluindo os escritos de Montoya, 1639) apresentam as denominadas “choças”, casas Guarani como fruto de uma “precariedade” construtiva devido ao seu material de construção, madeira e palha. Longe desta visão castradora, Sustersic (1999) destaca o “dote” Guarani (p. 251) quando se refere à influência indígena na aplicação de técnicas construtivas tradicionais nas obras reducionais.

Estas técnicas foram apropriadas pelos jesuítas em traços, linhas e formas para gerar um sincretismo entre duas (ou mais) culturas em uma comunhão expressiva, na qual se reuniram formas simbólicas, seguindo o conceito de Cassirer, com seus respectivos valores ideológicos e físicos. Assim, as obras jesuíticas são o vestígio de uma comunicação da época. Alerta-se que a visibilidade dos templos jesuítas hoje muitas vezes possui como característica física a ruína. Por isso, percebemos apenas fragmentos que não foram extintos por completo e que preservam apenas alguns elementos de suas características originais. Porém, acredita-se que isto seja suficiente para poder vislumbrar o ambiente geral neste território jesuítico – guarani.

A compreensão da dinamicidade das reduções vincula-se a uma apreensão das transformações na arquitetura jesuítica. Por isso, se sintetizam a seguir os períodos de evolução da tipologia arquitetônica segundo Sustersic (1999, p.249-273). Neste sentido é importante observar a expansão do espaço jesuítico que inicia a partir de 1610 com algumas fundações ao longo da rede hidrográfica, se proliferando nos anos 1620 no Guairá (hoje estado do Paraná) e nas vizinhanças do Rio Uruguai, nos anos 1630 se expande ao atual estado do Rio Grande do Sul. Com exceção das reduções na bacia entre o Rio Paraná e o Rio Uruguai, todas as reduções tinham um caráter efêmero. Apenas a partir dos anos 1640, o espaço jesuítico se consolida para os 30 povos.

Inserindo a arquitetura nesta expansão temporal e espacial, observamos uma tipologia arquitetônica originária deste processo em etapas específicas, desenvolvida por Darko Sustersic. Este autor, arquiteto e historiador da arte, é professor da Universidade Nacional de Buenos Aires e Investigador Superior do Conselho Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – CONICET. Sustersic diferencia as obras arquitetônicas relacionando-as por períodos específicos dentro do contexto colonial. Percebe-se que sua proposta é embasada em fatos sociais, culturais, políticos e econômicos os quais passam a refletir nas expressões arquitetônicas adotadas ao longo do processo das reduções. Soma-se a ele também Alcides Gomez (2006) que traz em suas pesquisas uma classificação de maneira mais sutil.

Ainda, Ramón Gutiérrez (1987, 2012) se aprofunda mais no material sobre a História Urbana das Reduções Jesuíticas Sul-americanas, onde o autor descreve também as obras de Chiquitos. Sendo assim, organiza-se estas etapas e segue um breve comentário a respeito desta fragmentação para que se possa estruturar as futuras análises.

**1<sup>a</sup> etapa (1610 a 1641) e 2<sup>a</sup> etapa (1641 a 1695):** O batismo da arquitetura vernácula e a consolidação do espaço missionário.

No início das ações missionárias, ainda no espaço Guairá, onde hoje localiza-se o estado do Paraná, se destacam os materiais e técnicas locais advindas da cultura arquitetônica Guarani que foram apropriadas pelos jesuítas e que demonstram a alta capacidade técnica destes povos “primitivos”. No entender dos jesuítas, estas obras tinham ainda a “alma da selva” em seu interior. Este comentário surge pelo uso de troncos de árvores como pilares internos e a cobertura em material natural ofertando um aspecto de floresta ao interior das obras. Devido ao fato de não haver vedações verticais dos grandes vãos gerados pela estrutura esbelta, além da cobertura em palha (folhas de palmeira), constituía um espaço visual permeável e sem limites rígidos entre interior e exterior (Imagen 01).

Imagen 01 – Detalhe da 1<sup>a</sup> Etapa da Tipologia Arquitetônica Jesuítica-guarani



Fonte: Elaborado pela autora

Todas estas obras foram, devido à fragilidade de seu material constituinte – madeira e palha – totalmente dizimadas em meio aos incêndios e ataques dos bandeirantes paulistas no Guairá. O uso destes materiais reflete também a cultura itinerante do povo Guarani que migrava constantemente em busca por recursos de subsistência advindos da natureza.

Na segunda etapa, diante da evolução do processo colonial persiste a utilização de troncos como pilares. A obra da Redução de San Xavier em Chiquitos na atual Bolívia, embora fisicamente longínqua das terras do sul do Brasil, preserva traços da expressão Guarani. Nela, a estrutura em madeira (com detalhes torneados) e a cobertura em duas águas, já com o uso de telhas cerâmicas, ainda mostra a antiga compreensão espacial deste espaço religioso, mas já com elementos de uma compreensão mais europeia. Um exemplo desta segunda etapa pode ser observada na imagem da igreja da Redução de Santiago da segunda metade do séc. XVII no atual Paraguai, hoje não mais

existente (Fotografia 02).

Fotografia 02 – 2<sup>a</sup> Etapa Tipológica, Templo da Redução de Santiago, 1669



Fonte: Trento (2007)

A expressão característica da segunda etapa inicia a partir da vitória dos guaranis na batalha de Mbororé em 1641. Neste momento, novos valores dentro dos princípios propagados pelos jesuítas, tornaram-se elementos da ação missionária. Em termos tipológicos, diferentemente dos sistemas europeus, as obras arquitetônicas guarani iniciam pela elaboração da cobertura, e só ao final se vedam as paredes. Esta inversão do processo construtivo pode ser vista como uma expressão da procura por proteção na natureza (sendo aqui o Deus pai um protetor), enquanto os europeus viram nas suas obras uma construção que reproduz a obra de Deus e onde se pode louvá-lo.

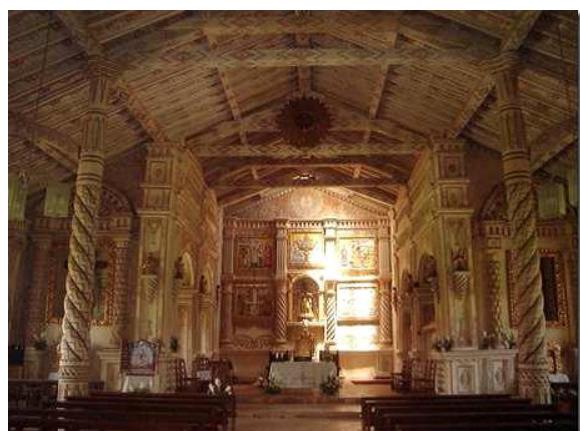
No âmbito deste compromisso, a estrutura da igreja ergue-se em pilares de troncos que acabam por definir uma forma retangular que é organizada em naves central e laterais, espaços que, segundo Burden (2006, p. 238) definem-se pelos corredores laterais paralelos à nave central separados desta por arcadas ou colunatas. A presença desta estrutura de viés guarani fornece um espaço interno amplo e fluido, onde o observador num mesmo olhar permeia toda a igreja. Trata-se de uma inovação em relação às obras europeias de grossas colunas e paredes de pedra. Esta é uma característica importante, pois mostra que as primeiras expressões em terras americanas surgem distintamente e aleatoriamente das correntes europeias. A atitude perante o espaço distingue-se da visão europeia onde por meio de sua planta/desenho não se criam barreiras físicas e visuais definidoras do espaço interno e externo.

Na América a postura foi de equilibrar os ambientes deixando interior e exterior em harmonia abaixo da grande cobertura. Esta metodologia construtiva já era utilizada anteriormente à chegada dos jesuítas nas casas religiosas e também habitacionais. As “og guaçú”, como são conhecidas, eram erigidas de forma a consolidar a estrutura interna que fornecia o suporte à cobertura e somente após a finalização desta etapa eram feitas as amarrações da palha que cobria os madeirames do telhado e

as paredes laterais, sendo que a última estrutura já define a varanda do pátio externo.

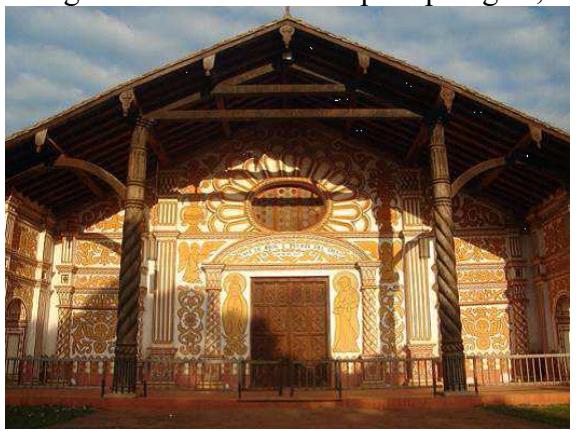
Ao se evoluir para a segunda etapa da arquitetura missioneira, o templo passa a ser coberto com telhas cerâmicas e vedado com material mais resistente conforme a Igreja da missão de San Xavier no atual território da Bolívia. Aqui se demonstra a riqueza de ornamentos e detalhes técnicos – estruturais e pictóricos – característicos do amálgama cultural e da presença também dos primeiros construtores jesuítas (fotografias 03,04,05 e 06)

Fotografias 03 e 04 – 2<sup>a</sup> Etapa Tipológica, exterior e interior da obra da Missão de San Xavier



Fonte: Gutierrez (2012)

Fotografias 05 e 06 – 2<sup>a</sup> Etapa Tipológica, detalhes da Igreja da Missão de San Xavier na Bolívia



Fonte: Gutierrez (2012)

Os documentos referentes às Missões do Guairá, que fazem parte da segunda etapa estilística, trazem relatos sobre as ações de diversos padres jesuítas como Padre José Cataldino na obra de San Ignácio ainda no espaço Guairá. Padre Ruiz de Montoya acompanhou e descreve a construção da igreja de Loreto no Guairá, Padre Roque Gonzales foi responsável pela construção das igrejas de San Ignácio Guaçu e Yapejú e Padre Silverio Pastor construiu aliado aos guaranis a igreja de São Nicolau. Porém, não se encontram relatos sobre os mestres construtores guaranis, fato que os coloca numa interpretação passiva diante das ações dos jesuítas. Por meio desta pesquisa, contudo, espera-se

enaltecer sua participação que foi imprescindível para que muitas das obras obtivessem a qualidade estrutural necessária para que sua monumentalidade se configurasse em meio ao espaço das reduções.

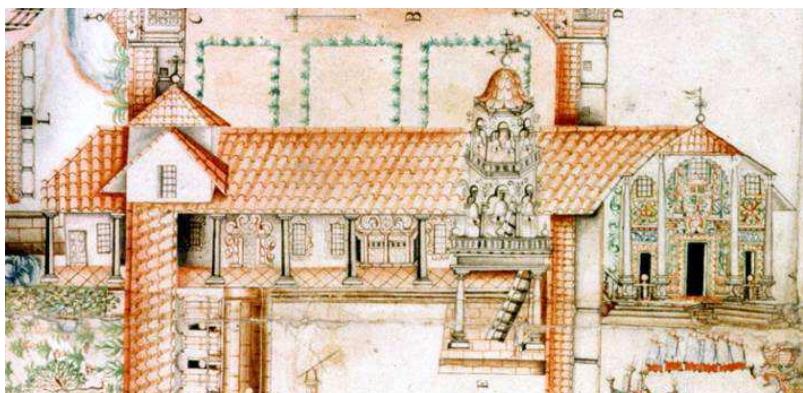
Este desenvolvimento demonstra que os primeiros jesuítas longe de improvisar obras aleatórias fizeram uso do conhecimento tradicional dos construtores guaranis na adoção das técnicas construtivas e materiais já de domínio da cultura local. Por isso, tendo em vista esta cultura arquitetônica autóctone, não surpreende o tamanho, a qualidade e a rapidez de execução na construção destes templos. Em relação ao tamanho das obras religiosas cabe ressaltar que as igrejas foram capazes de abrigar povoamentos inteiros, como a da redução de Loreto no Guairá que em 1615 era constituída por 1.150 habitantes (Sustersic, 1999, p. 250) e possuía seu Templo como representativo da primeira etapa construtiva da arquitetura jesuítica-guarani.

**3<sup>a</sup> etapa (1695 a 1730) e 4<sup>a</sup> etapa (1730 a 1768):** as igrejas com uma nova organização espacial interna.

No auge da consolidação jesuítica, entre os anos 1695 até 1768 (etapas 3 e 4), os jesuítas utilizaram arquitetos da própria ordem para o comando de suas edificações. Num primeiro momento (3<sup>º</sup> etapa), o irmão Brasanelli construiu obras arquitetônicas que passaram a contar com ornamentos e detalhes construtivos da mais alta expressão artística dos guaranis. Este reflexo da arte indígena serve para refletir seu próprio espaço cotidiano na obra religiosa. Devido a essa aproximação entre religião e cotidiano, as obras jesuíticas passam a contar com um caráter mais escultórico, principalmente nas fachadas (europeias!) agora erigidas em pedra, enquanto o teto de duas águas (indígena) mantém ainda a expressão da cultura guarani. Assim, a fachada principal é vedada por elementos esculturais trabalhados em cantaria o que enriquece a obra de detalhes ornamentais. A madeira fica reservada às estruturas internas de sustentação do telhado, mas que passam a receber forros em que se definem abóbadas e são ornados com trabalhos pictóricos. Também com madeira se esculpem retábulos, imagens e mobiliários, todos trabalhados pelas mãos dos guaranis missionários, altamente instruídos nas artes em geral. Por diversas vezes, estas obras foram solicitadas a fazer parte de ambientes nas cidades de Buenos Aires e Assunção, assim a arte jesuítica também deixou vestígios em retábulos e demais elementos de carpintaria e marcenaria nos espaços urbanos não-jesuíticos.

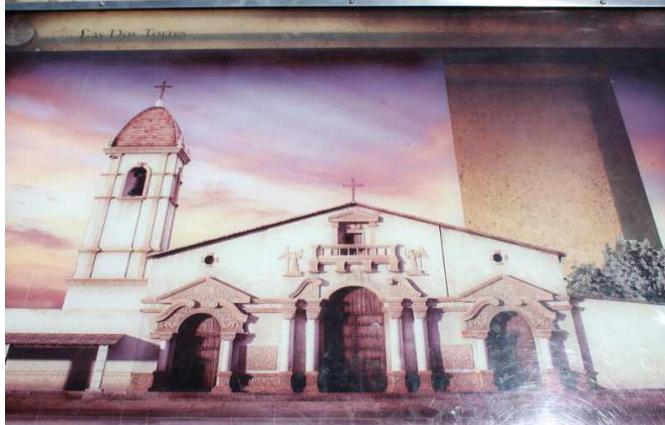
A terceira etapa arquitetônica se alia principalmente a ação de Brasanelli que atuou primeiramente na igreja de São Borja e depois nas igrejas de Itapúa, Loreto, Santa Ana, São Luis, São João Batista (figura 07) e finalmente a mais expressiva delas, San Ignácio Mini (fotografia 08).

Figura 07 – 3<sup>a</sup> Etapa Tipológica: Imagem da Igreja de São João Batista, 1697



Fonte: Kern (2012)

Fotografia 08 – 3<sup>a</sup> Etapa Tipológica: Igreja de San Ignácio Mini, 1696 (reconstituição)



Fonte: Acervo turístico de San Ignácio Mini (2012)

O impulso renovador deste arquiteto jesuíta supera em muito a simples inserção de pinturas e esculturas nas fachadas, apresenta em sua proposta um desenho específico das obras arquitetônicas. Na igreja de São João Batista, o destaque foi a inserção da cúpula – meia laranja – que, na parte externa do edifício, surge como uma pequena torre quadrada acima da cobertura. Esta cúpula era elaborada e sustentada sobre altos pilares em madeira, pois a falta da cal limitava trabalhos inteiramente em pedra aos moldes europeus. Sendo assim, a técnica construtiva permanece de expressão guarani, pois a estrutura é elaborada anterior às vedações como as primeiras obras missionárias com a única diferença das paredes serem erigidas em pedra e ligadas por argamassa de barro. Esta técnica pode ser observada na igreja de San Ignácio Mini (fotografias 09, 10 e 11) onde se pode perceber o ritmo marcado pelos nichos destinados à estrutura em madeira a qual não mais existe, porém deixa impressa sua presença por meio dos vazios das paredes.

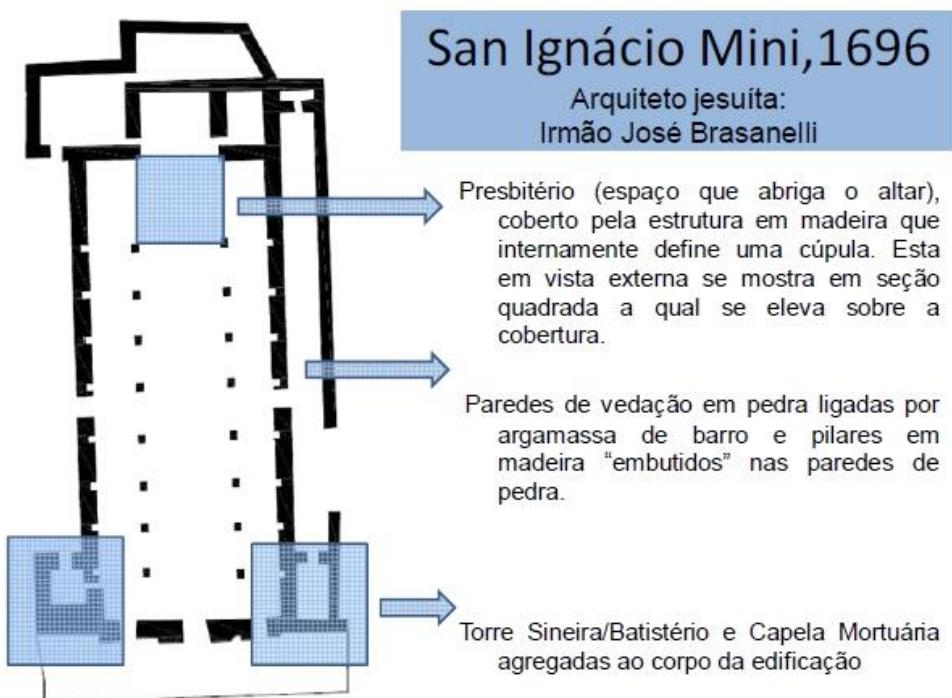
Footografias 09, 10 e 11: 3ª Etapa: Igreja de San Ignácio Mini e os nichos da estrutura em madeira



Fonte: Elaborada pelos autores

A planta da igreja de San Ignácio Mini deixa observar como proposta de Brasanelli o espaço interno encerrado por grossas paredes de pedra, isolando de maneira efetiva o interior ao exterior. No esquema que segue buscou-se pontuar estas inovações na arquitetura dos templos jesuíticos-guarani da terceira etapa tipológica (figura 12).

Figura 12 – 3º Etapa: Planta da igreja de San Ignáco Mini, 1696



Fonte: Elaborada pelos autores

A quarta e última etapa corresponde ao período entre 1730 e 1768, encerrado drasticamente pela expulsão dos jesuítas do continente americano. Esta etapa possui como maiores expressões as igrejas de São Miguel das Missões (1745) e de Santíssima Trinidad (1747). Ambas as igrejas foram obras dos arquitetos jesuítas Juan Bautista Prímoli, Irmão Forcada e padre Pablo Danesi. A chegada

do irmão Prímoli marca uma transição no uso de recursos técnicos característicos da arquitetura vernacular guarani. O arquiteto Prímoli chega à região das missões com 57 anos, fato relevante quando se compara a Brasanelli que ao iniciar seus trabalhos na América contava com 33 anos.

Sustersic (1999, p. 268) destaca neste sentido o ímpeto do arquiteto em materializar suas propostas de maneira rápida e incisiva. Seu desejo era erigir em terras americanas uma igreja moderna com abóbadas e cúpulas materializadas através de seus próprios projetos, fato que ainda não havia sido possível. Por isso, não se deixava impressionar pela falta de cal como ligante, mas na igreja de Trinidad, a qual infelizmente não é possível se verificar pelo fato de ter desabado e encontrar-se em ruínas, foi responsável por transformar o espaço arquitetônico como um todo.

O projeto de Prímoli para a igreja de São Miguel retrata esta intenção por meio da proposta de três naves, cruzeiro coberto por abóbadas e arcos sustentando um tambor (base de seção circular) encimado pela cúpula. O sonho de Prímoli acarretou um embate frente às reservas do Pároco irmão Francisco Ribera. Estes conflitos resultaram na retirada de Prímoli da redução de São Miguel antes do término de seus trabalhos que passaram a ser finalizados pelo irmão Ribera. Esta é a explicação da ocorrência de sobreposição de elementos (fotografias 13,14 e 15) com a junção à fachada principal do pórtico frontal que acaba por desvirtuar a proposta original inspirada em Gesù e da finalização da cobertura ainda nos moldes missioneiros com duas águas sustentadas pelas tesouras em madeira (fotografia 16).

Fotografias 13 e 14: 4<sup>a</sup> Etapa: Detalhes do Pórtico, Sobreposição de elementos



Fonte: Elaborada pelos autores

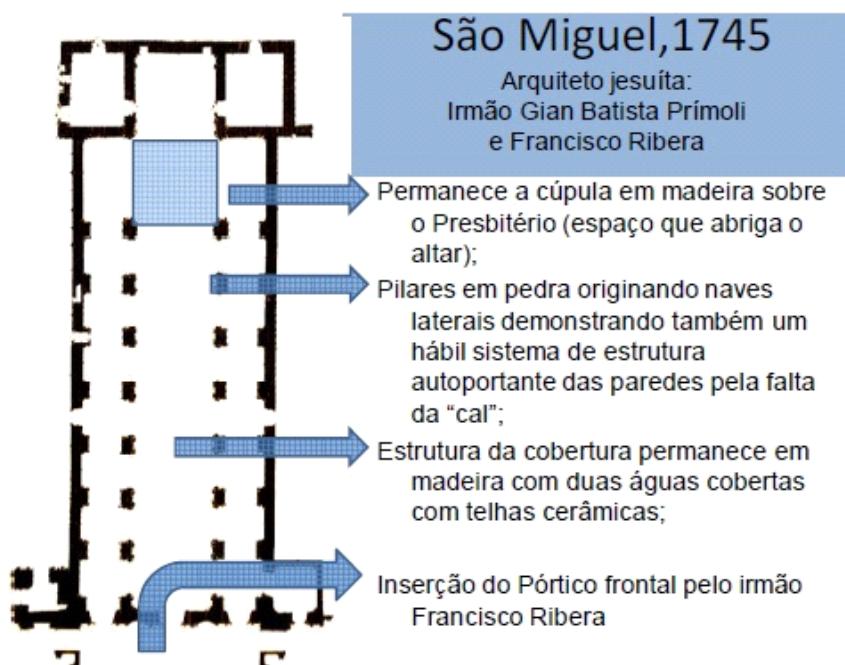
Fotografias 15 e 16: 4<sup>a</sup> Etapa: Vista da nave central e Detalhe da Estrutura de Madeira



Fonte: Elaborada pelos autores

Assim, a igreja de São Miguel das Missões possui em relação a San Ignácio Mini uma estrutura interna de pilares elaborados em pedra, o que configura de maneira mais expressiva, por meio de arcos plenos, a separação efetiva das naves principal e laterais, eliminando a permeabilidade visual anterior. O sistema construtivo ainda não permitiu de maneira integral o uso da pedra, devido à falta de material ligante que garantisse a segurança da estrutura autoportante. Assim, embora os pilares e paredes tenham sido executados em pedra, a cobertura em si permaneceu no antigo sistema de duas águas estruturadas em madeira e cobertas com telha cerâmica (figura 17).

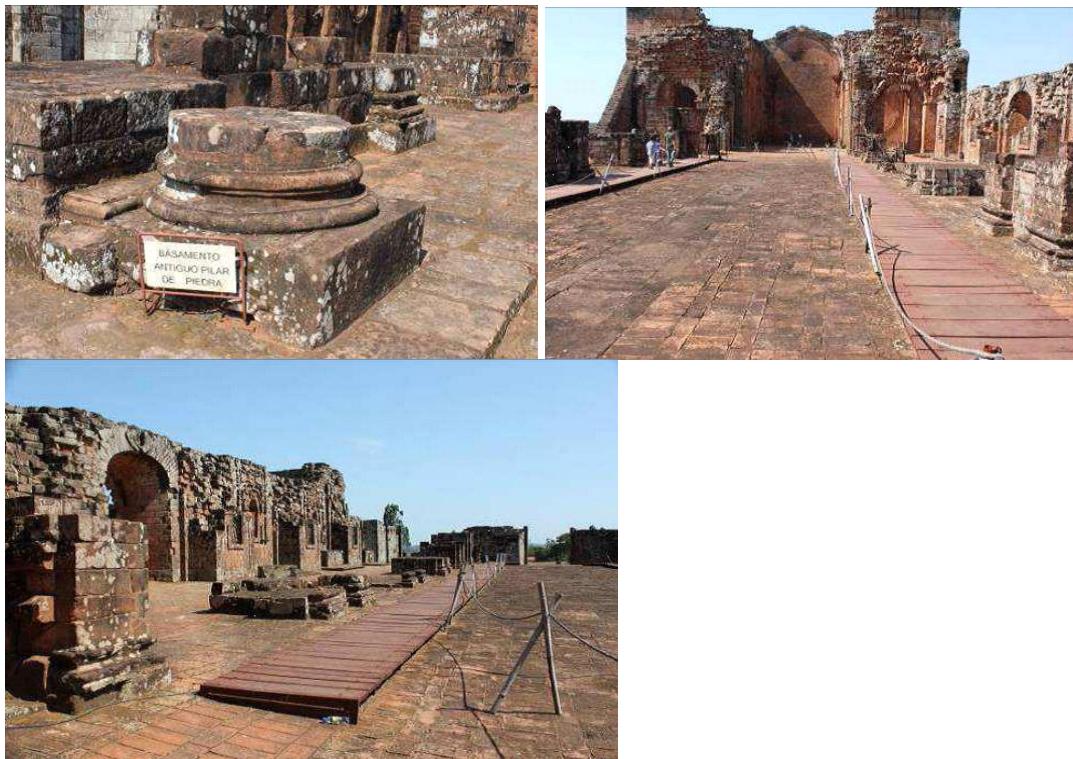
Figura 17 – 4<sup>a</sup> Etapa: Planta da igreja de São Miguel, 1745



Fonte: Elaborada pela autora

O projeto sonhado por Prímoli para a realização de um templo com cúpula e abóbodas em pedra foi parcialmente possível somente na redução de Santíssima Trinidad (fotografias 18.19 e 20).

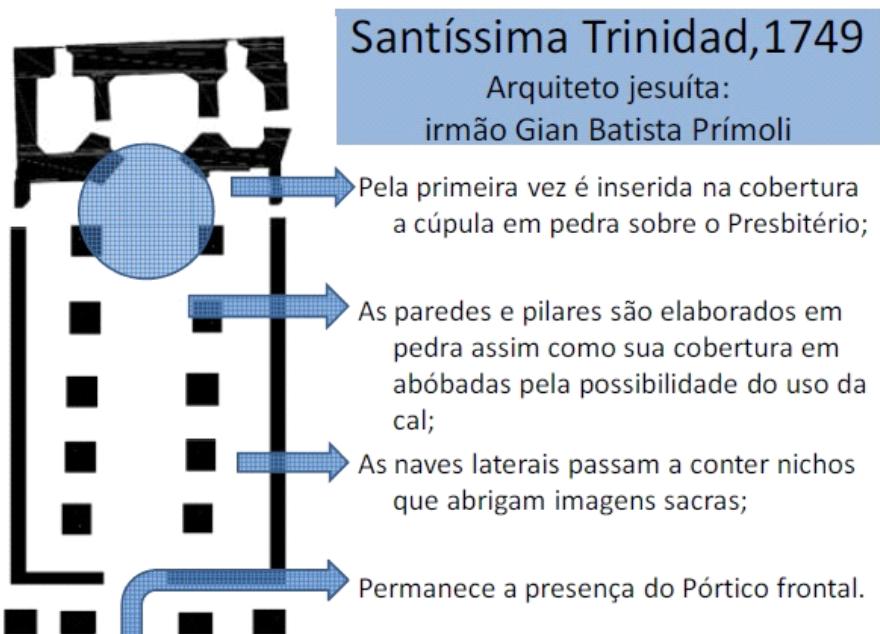
Fotografias: 18, 19 e 20: 4<sup>a</sup> Etapa: Imagem do pilar do Pórtico e do interior da Igreja de Santíssima Trinidad



Fonte: Elaborada pelos autores

Pouco após sua estada em São Miguel, Prímoli intenta mais uma vez realizar uma arquitetura europeia e inovadora para as terras americanas (figura 21). Apoiado agora pelo pároco local, irmão Valdivieso, propõe uma arquitetura verdadeiramente moderna. Este intuito explica sua visão de um grande átrio frontal, aos moldes de São Miguel quiçá em repúdio à sua prematura retirada das obras, e mantém firme o propósito das abóbadas e cúpula. Alguns documentos, contudo, registram posteriormente o fato de que a abóboda não resistiu e ruiu, porém justificam pelo fato de ter sido retirado elementos constituintes do frontão o que fragilizou a estrutura da obra como um todo.

Figura 21: 4<sup>a</sup> Etapa: Planta da igreja de Santíssima Trinidad, 1749



Fonte: Elaborada pela autora

As últimas igrejas da quarta etapa, São Cosme e Damião e Jesus, ficaram inacabadas. Em especial a igreja de Jesus possui uma demonstração da liberdade compositiva em terras americanas. Ela foi desenvolvida pelo arquiteto jesuítico espanhol José Grimau. Construída por Antônio Forcada, possui arcos de origem *mudejar* - uma evolução na plástica para as obras jesuíticas-guarani. Ela também se destaca pela cúpula em pedra no espaço do Batistério (fotografias 22,23,24 e 25). Torna-se especulação se, com a cúpula e as ornamentações *mudejares*, tenha havido uma preferência na adoção de elementos da arquitetura árabe em detrimento a cultura “já” local jesuítica-guarani. Na fachada principal da igreja de Jesus encontra-se hoje a inscrição “San Francisco de Asis, 1776” (fotografia 26) fato que demonstra que após a expulsão dos jesuítas da América os franciscanos procuraram dar continuidade aos seus trabalhos no espaço das reduções (BARCELOS, 2000, p.158; TRENTI, 2007, p. 221)

Fotografias 22,23,24 e 25 – 4<sup>a</sup> Etapa: Igreja de Jesus, detalhe da marcação das abóbadas de berço, ritmo de pilares internos, cúpula do Batistério e arco Mudejar



Fonte: Elaborada pelos autores

Fotografia 26 – 4<sup>a</sup> Etapa: Detalhe da inscrição “San Francisco de Asis, 1776”



Fonte: Elaborada pelos autores

Considerando a proposta de caracterização tipológica da arquitetura jesuítico-guarani elaborada por Sustersic (1999), Gutiérrez (1987, p.32-42) e Bruxel (1987, p.35-38) pode-se observar como o processo da construção destas obras representa um diálogo entre duas (e até mais) arquiteturas. Os pequenos fragmentos ainda existentes no espaço dos Trinta Povos das Missões entre Brasil, Paraguai e Argentina, ainda permitem leituras múltiplas que condensem a história num amalgama cultural fruto de uma experiência ímpar em solo americano.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto jesuítico-guarani uniu aspectos sociais, econômicos, culturais e religiosos durante um século e meio em terras americanas. Ao se investigar a complexidade da luta de interesses neste período não se pode deixar de compreender o contexto onde a Ordem Jesuíta atuou em meio a disputa territorial entre Espanhóis e Portugueses. Mesmo com a intenção de preservar a nação Guarani de uma barbárie europeia, os jesuítas puderam por mais de um século e meio atuar de forma a agrupar e conviver de forma pacífica e comunitária em espaços de características urbanas – as reduções – tendo algumas delas a presença de mais de 3.000 indígenas num convívio diário. Cabe ainda comentar que a presença dos guaranis na redução foi sempre feita de forma deliberada e que mesmo na presença dos jesuítas, normalmente em trono de 1 a 3 em cada redução, mantinha-se a liderança dos caciques e suas respectivas tribos de forma respeitosa.

Neste contexto por meio da investigação das relações de trocas cotidianas entre comunicação “erudita” por parte dos arquitetos jesuítas e a cultura “popular” local guarani resultou em elementos plástico-formais da arquitetura e na mudança da espacialidade sob a influência do formismo jesuítico, porém aos moldes estruturais de uma base cultural guarani. Estas obras contaram também com a expressão estética dos ornamentos onde as figuras de anjos e flores foram aculturados e redefinidos numa versão local. O reflexo desta expressão arquitetônica no espaço – barroco – das reduções resultou na propagação de uma nova sociedade que integraliza uma nova expressão visual. Com o resgate histórico aliado a verificação da evolução dos aspectos plástico-formais da arquitetura bem como sua técnica construtiva pode-se perceber o claro sincretismo entre duas culturas que se apoiaram em suas bases filosóficas e materiais para oferecer à arquitetura uma simbologia e uma materialidade possível neste espaço de tempo.

## REFERÊNCIAS

- BARCELOS, A. H. F. **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas:** o caso de São João Batista. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BOLLINI, H. **Misiones Jesuíticas:** visión artística y patrimonial, voces y emblemas en las reducciones jesuítico-guaraníes (1609-1768). Buenos Aires: Corregidor, 2009.
- BRUXEL, A. S. J. **Los 30 Pueblos Guaraníes:** panorama histórico- institucional. Porto Alegre: Ediciones Cruz del Sur, 1978.
- BRUXEL, A. **Os Trinta Povos Guaranis.** 2. ed. Porto Alegre: EST, Nova Dimensão, 1987.
- BURDEN, E. **Dicionário ilustrado de Arquitetura.** 2. Ed. São Paulo: Bookman, 2006.

CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas.** São Paulo: Martins fontes, 2001.

CURTIS, J. N. B. **Vivências com a arquitetura tradicional do Brasil:** registros de uma experiência técnica e didática. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2003.

CUSTÓDIO, L. A. B. **A Redução de São Miguel Arcanjo:** contribuição ao estudo da tipologia urbana missionária. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) UFRS. Porto Alegre.

CUSTÓDIO, L. A. B. **Arquitetura e Urbanismo Jesuítico- Guarani: regras e resultados.** Porto Alegre: UniRitter, 2011.

ECO, U. **A Estrutura Ausente:** introdução à pesquisa semiológica. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GÓMEZ, A. A. **La Misión.** San Ignacio. Éditions Fotograbados Iguazú, 2006.

GUTIERREZ, R. **The Jesuit Guarani Missions Las Misiones.** UNESCO, 1987.

GUTIERREZ, R. **História Urbana de las Reducciones Jesuíticas Sudamericanas:** continuidad, rupturas y cambios (siglos XVIII – XX). Colaboradores: Sandra Negro, Ernesto Maeder e Rodrigo Gutiérrez. Madrid: Fundación Histórica Tavera, 2003. Disponível em:  
<[http://www.larramendi.es/i18n/catalogo\\_imagenes/grupo.cmd?path=1000225](http://www.larramendi.es/i18n/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=1000225)> Acesso em: 20 fev. 2012.

KERN, A. A. O impacto das práticas missionárias nas Missões Jesuítico-guaranis: da aldeia guarani ao núcleo urbano colonial. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** ANPUH. São Paulo, 2011.

KERN, A. A. **Detalhe da Igreja de São João Batista.** 2012. Disponível em: <<http://www.proprata.com>> Acesso em: 20 fev. 2022

MONTOYA, A. R. **Conquista Espiritual feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias de Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape.** Madri: Imprensa do Reino, 1639.

SUSTERSIC, B. D. **La presencia americana em El arte jesuítico- Garaní.** Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea. São Paulo: EDUC, 1999.

TRENTO, P. A. **El Paraíso en el Paraguay:** Reducciones Jesuíticas. Editorial Parroquia San Rafael: Cruz del Chaco, 2007.

VAN LENGEN, J. **Arquitetura dos Índios da Amazônia.** Belo Horizonte: B4 Editores, 2013.